

Barreiras e facilitadores percebidos para a prática do floorball¹

Perceived barriers and facilitators for floorball practice

Barreras y facilitadores percibidos para la práctica de floorball



Tatiana Merino Vizú

Universidade de São Paulo - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto,
Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil
E-mail: tatianavizu@gmail.com



Márcio Pereira Morato

Universidade de São Paulo - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto,
Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil
E-mail: mpmorato@usp.br

Resumo: Foram entrevistados onze praticantes de floorball, para evidenciar as barreiras e os facilitadores percebidos para a prática e difusão da modalidade. Os depoimentos foram transcritos e analisados segundo o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) revelando que as principais barreiras são os equipamentos e espaço para a prática. Dentre os facilitadores, destacam-se a própria modalidade e o desempenho. Além disso, alguns fatores foram percebidos simultaneamente nas duas categorias, sendo os principais: sentimentos e socialização. Conclui-se que as principais barreiras para a prática do floorball são estruturais e que a oferta de vivências e campeonatos podem auxiliar na difusão.

Palavras-chave: Esportes. Atividades de Lazer. Psicologia do Esporte. Esportes de Equipe.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Abstract: Eleven floorball practitioners were interviewed to highlight the barriers and perceived facilitators for the practice and dissemination of the modality. The statements were transcribed and analyzed according to the Collective Subject Discourse (CSD) method, revealing that the main barriers are equipment and space for practice. Among the facilitators, stand out the modality itself and performance. In addition, some factors were perceived simultaneously in both categories, with the main: feelings and socialization being. It is concluded that the main barriers to the practice of floorball are structural and that the offer of experiences and championships can help in the dissemination.

Keywords: Sports. Leisure Activities. Psychology, Sports. Team Sports.

Resumen: Once practicantes de floorball fueron entrevistados para resaltar las barreras y facilitadores percibidos para la práctica y difusión de la modalidad. Los relatos fueron transcritos y analizados de acuerdo con el método del Discurso Colectivo del Sujeto (CSD), revelando que las principales barreras son el equipo y el espacio para la práctica. Entre los facilitadores, destacan la modalidad y el desempeño. Además, algunos factores se percibieron simultáneamente en ambas categorías, siendo los principales: sentimientos y socialización. Se concluye que las principales barreras para la práctica del floorball son estructurales y que la oferta de experiencias y campeonatos puede ayudar en la difusión.

Palabras-clave: Deportes. Actividades Recreativas. Psicología del Deporte. Deportes de Equipo.

Submetido em: 2022-02-10

Aceito em: 2022-06-02

Introdução

O combate ao sedentarismo e a prática esportiva para a promoção da saúde apresentam inúmeras possibilidades de desdobramentos e ações em nosso dia a dia. Estudos evidenciam os benefícios proporcionados pela prática regular de atividades físicas (AF), relacionando o estilo de vida ativo com a melhora de parâmetros fisiológicos, do desempenho esportivo, da qualidade de vida, aumento da autoestima, e do desenvolvimento das inteligências múltiplas (BALBINO, 2014; BARBIERI *et al.*, 2008; MELO, 2004; ORNELAS; SOUZA, 2001; PENA; GORLA, 2010; SILVA; GRECO, 2009). O esporte é visto como meio de transformação e integração, capaz de promover o autoconhecimento, desenvolver habilidades, capacidades e transmitir valores e saberes. Os benefícios são observados em aspectos físicos, biológicos, psicológicos e sociais (SANCHES; RUBIO, 2011). Corroborando esse ideal, estudos evidenciam que a prática de atividades esportivas auxilia no desenvolvimento da autonomia e se apresenta como meio de inclusão social, proporcionando o aumento da motivação e da satisfação na realização das tarefas diárias, além de permitir a integração e a percepção sobre seu papel na sociedade (ACIEM; MAZZOTTA, 2013; ANDREGHETTI *et al.*, 2009; JOAQUIM; DANTAS, 2016; LOCKMANN, 2014; MACHADO; ALBUQUERQUE, 2012; MAZZARINO; FALKENBACH; RISSI, 2011; MOVAHEDI; MOTJAHEDI; FARAZYANI, 2011; PEREIRA *et al.*, 2013). Seguindo esse pensamento, algumas instituições vêm desenvolvendo um trabalho intenso de difusão de modalidades não convencionais com o objetivo de aumentar o número de praticantes e fortalecer o cenário esportivo do nosso país. E é justamente neste contexto que o floorball está inserido (ABF, 2022).

O floorball é um esporte de invasão, semelhante ao hóquei sobre gelo, que vem ganhando destaque e praticantes em todo o mundo. Trata-se de um esporte de invasão, disputado oficialmente por duas equipes de cinco jogadores de campo e um goleiro, joga-

do com bastões de plástico denominados stickers (com exceção do goleiro) e uma bola muito leve, tendo como principal objetivo fazer o maior número de gols no time adversário (ABF, 2022; IFF, 2022). Os limites da quadra são definidos por uma estrutura denominada rink, que impede a saída da bola pelo fundo e laterais, possibilitando jogo contínuo (ABF, 2022; IFF, 2022). Em nível mundial, a entidade máxima do Floorball é a *International Floorball Federation* (IFF), que organiza anualmente campeonatos mundiais e realiza ações constantemente, visando a aumentar a popularidade do floorball no mundo. No Brasil, a entidade responsável é a Associação Brasileira de Floorball (ABF), criada em 1998 com sede em São Paulo/SP e filiada à IFF desde 1999 (ABF, 2022; INVICTUS, 2022).

As publicações científicas sobre floorball têm aumentado nos últimos anos, no entanto, a maioria dos estudos se concentram na área de medicina esportiva, referindo-se à incidência de lesões (BRO; GHOSH, 2017; LEIVO; PUUSAARI; MÄKITIE, 2007; PERERA; ÅKERLUND; HÄGGLUND, 2019). Outros evidenciam os benefícios que a prática promove (PRIETO-AYUSO, 2014) e mostram as possibilidades da prática adaptada no contexto escolar (SAMPAIO *et al.*, 2021). Contudo, ainda há escassez de estudos relacionados à prática do floorball no contexto pedagógico e comportamental. Considerando o estudo de Tillman (2018), que aborda a expectativa de que o floorball se torne uma modalidade olímpica no futuro e observando a mobilização das associações de floorball nesse sentido, faz-se necessário desenvolver estudos para evidenciar fatores relacionados à adesão à prática.

Pesquisas científicas realizadas com outras modalidades mostram que alguns fatores influenciam diretamente a prática esportiva e estão relacionados às características individuais, espaço físico, nível de condicionamento, condições climáticas, humor, amigos e familiares, localização, tempo disponível, entre outros (BRAGARU *et al.*, 2013; BUFFART *et al.*, 2009; CESCHINI; JUNIOR, 2007; GYURCSIK *et al.*, 2006; RIMMER; RUBIN; BRADDOCK, 2000; RIMMER; WANG;

SMITH, 2008; SCELZA *et al.*, 2005; SERON; ARRUDA; GREGUOL, 2015; SHIELDS; SYNNOT; BARR, 2012). Os fatores negativos que podem levar ao abandono da prática são denominados “barreiras” e os fatores positivos, que contribuem para a continuidade, são os “facilitadores”. No estudo de Bragaru *et al.* (2013), as barreiras estavam relacionadas à acessibilidade, sendo local, acesso e transporte as que mais impediam as pessoas de aderirem à prática. No estudo de Buffart *et al.* (2009), destacaram-se os fatores pessoais e ambientais, já no de Ceschini e Jr. (2007), o âmbito social foi relevante e o fator idade foi determinante, demonstrando que a mudança da adolescência para a fase adulta influenciava na redução do tempo disponível para a prática. Diversos estudos de revisão dividem os fatores em três categorias: intrínsecos (fatores relacionados ao âmbito pessoal e escolhas do próprio praticante), ambientais (que se referem aos aspectos estruturais, como ambiente e materiais) e sociais (aspectos que envolvem o relacionamento do praticante com outras pessoas) (MARTINS *et al.*, 2015; MULLIGAN *et al.*, 2012; SANTOS *et al.*, 2009; 2010). São essas categorizações que adotaremos neste estudo.

Considerando o contexto de expansão do floorball e as lacunas existentes na literatura sobre a adesão à prática, é interessante evidenciar quais são os fatores que motivam os praticantes de floorball a continuar ou a abandonar o esporte. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi identificar quais são as barreiras e os facilitadores percebidos pelos praticantes de floorball sobre a modalidade.

Método

Participantes

Participaram deste estudo onze pessoas (oito homens e três mulheres), com idade de 39 ± 10 anos, residentes no estado de São Paulo, selecionados segundo dois perfis de participação no floorball: i) atletas, quando realizam a prática da modalidade em nível recreati-

vo ou competitivo amador; ii) dirigentes, quando atuam como membros em associações, desempenhando funções de gerenciamento de equipes. O grupo dos atletas foi composto por cinco pessoas, que tinham em média 6 ± 3 anos de experiência com o floorball em nível de treinamento intermediário e amador. O grupo dos dirigentes foi composto por seis pessoas com 14 ± 8 anos de experiência com o floorball, que além das funções administrativas também treinavam em nível intermediário e amador. Em ambos os grupos a frequência semanal de treinamento variava de uma a quatro vezes. O estudo foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (CAAE: 38440120.5.0000.5659) e aprovado (parecer CEP 4.417.142).

Procedimentos

Considerando os objetivos desta pesquisa, optou-se pela utilização da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste na organização, tabulação e interpretação dos dados, buscando evidenciar um pensamento coletivo obtido a partir da agregação de discursos individuais sobre determinado tema (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003). Para isso, elaborou-se o instrumento de entrevista, com questões que permitiam que os participantes expressassem as próprias percepções e experiências sobre o floorball. Foi realizado um estudo piloto com cinco alunos do curso Bacharelado em Educação Física e Esporte da EEFERP, que vivenciaram a prática da modalidade durante uma aula aberta. Os procedimentos referentes ao convite, agendamento da entrevista, envio dos documentos, gravação e armazenamento das entrevistas foram testados e com as observações sobre necessidades de aprofundamento de alguns temas, clareza das questões e discussão entre pesquisadora e orientador, foi criada a versão final do instrumento de entrevista, com roteiro semiestruturado. De maneira sintética, o roteiro foi composto por 16 questões, sendo que as três questões iniciais buscavam evidenciar a apresentação do entrevistado, sua relação com o floorball (nível

de conhecimento e dedicação) e como conheceu a modalidade. As questões seguintes tinham por objetivo aprofundar as percepções do entrevistado sobre o porquê jogavam, do que mais gostavam e menos gostavam, pontos positivos e negativos, se sentiam alguma dificuldade para jogar, o que os faziam dar continuidade ou abandonar a prática, tempo e frequência de prática, quais sentimentos e expectativas o floorball despertava e suas opiniões sobre as motivações de outras pessoas. Os depoimentos foram coletados em entrevistas individuais, realizadas pela autora deste estudo, através de videoconferência em data previamente agendada, conforme disponibilidade do participante. As entrevistas tiveram em média 57 ± 21 minutos de duração e as transcrições, realizadas também pela autora/entrevistadora, foram realizadas, geralmente, no mesmo dia.

Tratamento dos dados

O processamento do DSC é realizado em etapas, sendo a primeira referente à obtenção dos depoimentos; a segunda à redução do discurso a partir da análise individual de cada depoimento e extração de seu conteúdo essencial, o que denominamos como expressões-chave (ECH); a terceira etapa à busca do sentido, dando origem às ideias centrais (IC), que são descrições simples, objetivas e diretas do posicionamento do participante. Ou seja, a ECH se refere ao conteúdo da fala, enquanto a IC ao sentido. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014). O próximo passo foi construir os DSC, que serão apresentados nos resultados (e.g. Quadro 1). O DSC é um discurso-síntese, composto pelas ECH que compõem a mesma IC, redigido em primeira pessoa do singular (LEFÈVRE, 2017; MENEZES, 2011).

Análise dos dados

Após a tabulação dos dados e a criação dos DSC, as IC foram organizadas dentro de categorias e subcategorias, de modo a separar e compilar todos os aspectos relacionados às evidências en-

contradas. As categorias foram organizadas em barreiras e facilitadores, de modo que quando uma IC fizesse referência a todo e qualquer aspecto que dificulta a prática do floorball era atribuído à categoria “Barreiras” e se, ao contrário disso, a IC se relacionasse com algo que contribuísse para a continuidade da prática, era atribuído à categoria “Facilitadores”. As categorias foram divididas em subcategorias conforme a classificação das IC dentro dos aspectos ambientais, intrínsecos e sociais. Sendo ambientais quando todos os aspectos se relacionassem com características materiais e estruturais, como, por exemplo, ambiente, materiais e equipamentos; intrínsecos quando relacionados ao próprio participante, como, por exemplo, motivação, sentimentos e lesões; e sociais, quando todos os aspectos que apresentavam como característica principal a relação existente entre o participante e outras pessoas ou a interação social, como, por exemplo, socialização, engajamento e aspectos da modalidade.

Resultados

Na primeira parte da análise dos dados, o trecho transcrito do depoimento dos participantes que fizessem referência a cada categoria e subcategoria foram destacados e deram origem às IC e às ECH. Os trechos extraídos (ECH) foram agrupados, dando origem à construção do DSC, ou seja, os resultados apresentados mostram a agregação de pequenos recortes das entrevistas de diferentes participantes sobre um mesmo tema. Os quadros 1, 2 e 3 apresentam, respectivamente, os DSC das subcategorias ambientais, intrínsecas e sociais. Na primeira coluna, os dados mostrados são a IC, a classificação (barreira, facilitador ou ambos), o número (N) e a identificação dos participantes que mencionaram as respectivas IC.

As IC relacionadas aos fatores ambientais foram equipamentos e espaço (Quadro 1).

Quadro 1. Classificação e DSC dos fatores ambientais

Fatores ambientais	
Equipamentos Barreira (N=9) P01, P02, P03, P05, P06, P07, P08, P09, P10	DSC_{Equipamentos} Existe uma dificuldade muito grande com o equipamento aqui no Brasil. Não há lojas e não há empresas que comercializam o equipamento, nem taco, nem bolinha, nem capacete de goleiro, nem trave e nem nada. Durante muito tempo houve essa necessidade de ter que importar o sticker e a bolinha, de ter que trazer de fora do Brasil. E ficou essa ideia de que ele é um esporte caro se você quiser implementar em uma escola ou clube. Hoje eu já não tenho mais esse olhar, já não vejo mais isso porque existe empréstimo de material pela ABF e pela Federação, mas, ainda assim, é difícil para o pessoal que quer começar e está longe dos núcleos encontrar os equipamentos.
Espaço Barreira (N= 8) P03, P04, P05, P06, P07, P08, P09, P10	DSC_{Espaço} No geral, os espaços que proporcionam o floorball são restritos e falta locais apropriados. A maioria das quadras não tem tamanhos oficiais. Para o pessoal de rendimento falta quadras com formato, tamanho, piso e com todos os acessórios corretos. Falta local para se praticar o esporte e existe dificuldade para levar essa atividade para mais espaços, que sejam públicos ou privados. Não há espaço, e quando o espaço existe, é inapropriado.

Em relação aos fatores intrínsecos, as IC mais frequentes foram sentimentos, saúde, desempenho, disponibilidade, conhecimento e finanças (Quadro 2).

Quadro 2. Classificação e DSC dos fatores intrínsecos

Fatores intrínsecos	
Sentimentos Barreira e Facilitador (N=11) P01, P02, P03, P04, P05, P06, P07, P08, P09, P10, P11	DSC_{Sentimentos} Eu percebo que o pessoal tem muito medo de experimentar. São resistentes por sentir vergonha por não saber jogar. Quando alguém chega no lugar que não é o dela e tem um esporte que não é o dela, sente muita timidez para dar o primeiro passo. Ou sente receio de que aconteça algo, ou medo do taco acertar no rosto. Por outro lado, eu vejo que o primeiro contato das pessoas é sempre por curiosidade, por não conhecer e querer praticar, entender e brincar. Sempre gostei muito de esporte. E de novidades. O floorball é muito divertido e interessante. É um esporte extremamente prazeroso e desafiador. Diferente de tudo que já pratiquei. Me sinto realizado toda vez que jogo, porque gosto mesmo do jogo. Praticar o esporte me dá uma segurança maior em relação ao meu corpo.
Saúde Barreira e Facilitador (N=10) P02, P03, P04, P05, P06, P07, P08, P09, P10, P11	DSC_{Saúde} O grande risco de machucar nessa modalidade é você dar uma tacada em alguém. Por vezes, você leva boladas e elas são fortes. Às vezes, dependendo da lesão, você até consegue continuar praticando. Além disso, o coronavírus me fez parar de praticar, por medo de pegar doença e de que fosse inseguro tanto para mim quanto para meus colegas do time. Eu pratico floorball pela questão da saúde física, mental e psicológica da prática de esporte. Para ter uma qualidade de vida melhor. Eu tenho que ver na prática algum efeito ou mudança que vai proporcionar, se vai trazer coisas boas e melhorar cada vez mais a capacidade física ou de compreensão, se vai mudar alguma coisa na vida ou viabilizar um condicionamento legal. O sedentarismo não é algo que cogito em minha vida.

Desempenho Facilitador (N=8) P03, P04, P06, P07, P08, P09, P10, P11	DSC_{Desempenho} Quero ser o melhor atleta. Estou sempre de olho no competitivo, onde consigo desenvolver um bom jogo, uma boa jogada e marcar gol. E, claro, participar dos campeonatos. Tem manobras que aprendo, que eu gosto, e fico encantado. Tenho que ter um condicionamento físico muito grande para conseguir ter essa explosão no jogo oficial, para ficar um minuto e meio até trocar a linha. Quando comecei a praticar o floorball me senti melhor, mais disposto a fazer atividades, me senti melhor com meu próprio corpo. A minha expectativa pessoal é sempre colaborar da melhor forma com o time. Ainda que não vençamos ou sejamos campeões, o que importa é termos bons jogos, jogos bonitos, emoção e diversão.
Disponibilidade Barreira (N=5) P02, P05, P06, P07, P09	DSC_{Disponibilidade} Às vezes é difícil investir tempo. Hoje em dia, principalmente, a questão profissional me faz deixar a atividade física e o esporte em segundo, às vezes, até em terceiro plano, pois o trabalho é a prioridade. Se o horário de trabalho coincidir com aquela modalidade, você deixa de praticar. Não dá para jogar sábado e domingo pelo fato de que as pessoas trabalham aos sábados, alguns estudam aos sábados.
Conhecimento Barreira e Facilitador (N=3) P01, P03, P04	DSC_{Conhecimento} Uma outra barreira importante é o conhecimento. Nós precisamos fazer com que essa modalidade chegue nos cursos de educação física, para estudantes, professores que trabalham em escolas, em clubes, porque esse é um esporte extremamente inclusivo. Eu acredito que a divulgação é outra barreira, até porque aqui no Brasil nós temos uma cultura esportiva basicamente voltada para o futebol. Por isso, em todas as oportunidades que eu tenho, se recebo convites para ir falar sobre floorball, eu tenho aceitado, para divulgar para públicos diferentes. Nós acreditamos que quanto mais pessoas conhecerem esse esporte, mais ele vai chamar à atenção das pessoas. Com o amadurecimento, como profissional de educação física, o que mais gosto é a variabilidade de modalidades, abrir o leque de possibilidades. Poder levar essa experiência para os alunos para diversificarem a cultura que eles têm de movimento, para trabalhar com outros tipos de atividades, com outros esportes.

Finanças Barreira (N=2) P03, P08	DSC_{Finanças} A questão de acesso, de facilidade, financeira. A falta de uma remuneração ou a falta de apoio.
---	---

As IC referentes aos fatores sociais foram socialização, modalidade, engajamento, crescimento, competições, incentivo e posicionamento.

Quadro 3. Classificação e DSC dos fatores sociais

Fatores sociais	
Socialização Barreira e Facilitador (N=11) P01, P02, P03, P04, P05, P06, P07, P08, P09, P10, P11	DSC_{Socialização} Já parei de praticar alguma coisa, não pelo esporte em si, mas pelo grupo social que eu estava participando. Por exemplo, eu parei de jogar outros esportes porque o ambiente não era muito bom onde eu joguei, nas vezes que joguei, então não foi uma coisa que me deu muito prazer. Tem que ser um ambiente legal, gostoso, que todo mundo faz amizade, que brincam com o outro quando o outro erra. Eu criei certa amizade com as pessoas que jogam floorball. Criei amigos dentro do esporte e da competição. Nos grupos e times existe acolhimento e tenho a sensação de integração e socialização. Todo mundo tem chance de fazer gol, de fazer um passe legal, de treinar, e o fato de ter pouco contato físico agrega uma galera mais velha também. É uma modalidade acessível, muito inclusiva, onde é possível realmente incluir as pessoas na participação. Então, são pessoas que acabam entrando no meu convívio social também para outras coisas, para ir a um aniversário, para ir a um churrasco e para fazer uma viagem. Acaba sendo um tipo de um círculo social. É uma modalidade onde as pessoas se sentem bem recebidas, onde o ambiente é acolhedor mesmo.

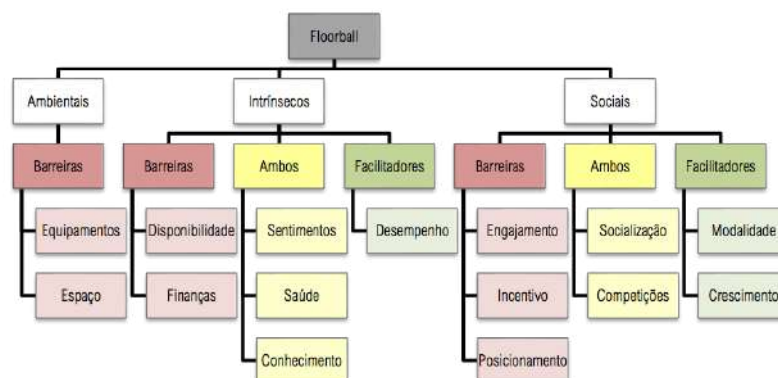
Modalidade Facilitador (N=10) P01, P02, P03, P04, P05, P06, P07, P08, P09, P10	DSC_{Modalidade} Uma coisa que eu amo no floorball é jogar. Porque é dinâmico, é desafiador e eu gosto de manusear o sticker, a bolinha, a finta e o drible, que são os maiores desafios para o atleta. É um esporte fácil de jogar e não tem muitas regras. É uma modalidade incomum e por ser também um esporte amador todo mundo está na mesma vibe. Tenho certa facilidade nessa questão de deslocamento e, mesmo com os fundamentos sendo diferentes, a questão de estratégia é um pouco semelhante a outras modalidades. Além disso, gosto porque é um esporte coletivo, então não depende totalmente da minha habilidade. Mesmo quando não estou jogando, eu gosto de assistir ao jogo, por que o jogo é bonito. Está longe de ser um jogo monótono. O que eu mais gosto no jogo é a velocidade que os times conseguem se arrumar, se organizar em quadra para receber os passes. Na mesma hora em que você está no ataque, está na zaga. O equipamento do floorball é muito bonito. Visualmente, ele é muito bonito. Eu vejo que as pessoas procuram floorball por ser uma atividade diferente. Por ser uma atividade diferente, por usar um material totalmente diferente e porque as pessoas querem experimentar esse tipo de habilidade com o taco, com a bolinha.
Engajamento Barreira (N=8) P01, P03, P04, P06, P08, P09, P10, P11	DSC_{Engajamento} Eu não jogo mais porque em minha cidade não tem ninguém que joga. Acho que um incômodo é ver que não tem tantas mulheres praticando, e que é muito rotativo. Quando se consegue 2 ou 3 mulheres para entrar numa equipe, elas saem. Eu sei que o formato misto é interessante, mas quando a gente quer competir é complicado. Falando de maneira local, aqui no Brasil, quem joga, ainda não se prende muito nessa ideia de fazer o esporte crescer para que tenha mais gente jogando. Falando de rendimento, nós não conseguimos subir um nível. Os países vizinhos não estão praticando o esporte como rendimento, então o problema é que não há com quem jogar contra. Se houvesse times no Uruguai, Argentina, Paraguai e até mesmo no Chile, que ainda está um pouquinho longe, com certeza isso ajudaria a subir um nível no esporte.

Crescimento Facilitador (N=7) P01, P03, P05, P06, P07, P10, P11	DSC_{Crescimento} Minha motivação é realmente ter mais pessoas jogando. Acho que hoje a minha expectativa mudou um pouco no sentido de realmente querer que o esporte se desenvolva mais, não de forma local, mas também de forma nacional para ampliar a quantidade de pessoas, de equipes que existem. Não fico imaginando que o floorball vá entrar nas Olimpíadas, mas imagino o crescimento dele, sobre as pessoas o conhecerem, levarem para as escolas, clubes, praças públicas. Eu gostaria muito de que as pessoas tivessem a oportunidade de ensinar o floorball para outras também e mais pessoas pudessem aprender sobre ele. Quero muito que o esporte se destaque cada vez mais, que cresça, porque todo mundo ali luta para melhorar a modalidade e para manter aceso todo o cenário, de modo que o jogo possa ser disputado. Sempre tento ser a pessoa que está influenciando os outros atletas para que eles mantenham as práticas, para que queiram aumentar o número de atletas e chamem mais pessoas. Eu acho que são as 2 coisas que hoje me movem em relação ao floorball: fazer ele crescer mais e torná-lo mais conhecido pelas pessoas. Acredito que o floorball depende de nós para crescer e espero que o esporte cresça, que mais gente participe.
Competições Barreira e Facilitador (N=4) P01, P08, P10, P11	DSC_{Competições} Quando o nível de competição está baixo ou se o esporte não tem opções nem de competir, nem de praticar, isso me desanima. Tendo a equipe, penso que já que vamos formar um time, vamos jogar sempre e podemos buscar uma competição. Eu gostaria de poder representar o meu país como atleta. Então, eu espero que em breve nós possamos, como seleção nacional, ter algum confronto em algum campeonato, seja em eliminatórias ou até, possivelmente, fazer parte do campeonato mundial de floorball. Com o passar dos anos, [espero que] a equipe se profissionalize cada vez mais e que sejam frequentes essas participações, tanto em eliminatórias quanto em campeonatos mundiais. Uma das minhas vontades é essa: que nós tenhamos futuramente condições de poder jogar, ou melhor, de estar em um nível de poder jogar o mundial. De pegar os melhores jogadores de cada time e levar para representar o Brasil.

Incentivo Barreira (N=2) P06, P10	DSC_{Incentivo} Também é um ponto negativo o engajamento das pessoas para investir dinheiro. Infelizmente, devido à condição financeira, não é possível fazer vários campeonatos.
Posicionamento Barreira (N=2) P02, P06	DSC_{Posicionamento} O que eu não gosto é de atuar no gol, mas é questão de posição. O goleiro é essencial, mas ninguém gosta muito de ser goleiro. Porque no floorball geralmente o goleiro fica de joelho. Não é uma posição muito confortável para ficar.

Os resultados obtidos mostraram que dentre as barreiras e facilitadores percebidos no floorball, alguns fatores são considerados em ambas as categorias, sendo que os fatores sentimentos e socialização foram identificados por todos os participantes (N=11), seguido por saúde (N=10), competições (N=4) e conhecimento (N=3). As barreiras identificadas foram: equipamento (N=9), espaço e engajamento (N=8), disponibilidade de tempo (N=5), finanças pessoais, políticas de incentivo e posicionamento de jogo (N=2). Os facilitadores percebidos foram a própria modalidade (N=10), desempenho (N=8) e crescimento da modalidade (N=7) (Figura 1).

Figura 1. Quadro síntese das barreiras e facilitadores percebidos para a prática do floorball



Fonte: autoria própria

Discussão

Considerando o objetivo deste estudo, que foi verificar a percepção dos praticantes de floorball sobre os fatores que influenciam a sua prática, nossos resultados permitiram identificar quinze IC, sendo sete IC percebidas como barreiras (equipamentos, espaço, disponibilidade, finanças, engajamento, incentivo e posicionamento), três como facilitadores (desempenho, modalidade e crescimento) e 5 que podem atuar tanto negativamente quanto positivamente, dependendo do contexto ou da ligação com outros fatores (sentimentos, saúde, conhecimento, socialização e competições).

Neste estudo, verificamos que os fatores que mais influenciam a prática do floorball são sentimentos e socialização. Sentimentos mostrou ser um fator de grande relevância, podendo afastar ou aproximar as pessoas da prática. As menções de bons sentimentos e emoções vão ao encontro de outros estudos, que destacaram os sentimentos diversão e satisfação (BUFFART *et al.*, 2009; JAARSMA *et al.*, 2014a). É provável que estes resultados estejam integrados à outros fatores, como socialização, considerando que um ambiente agradável e acolhedor promove a integração dos praticantes e a sensação de pertencimento ao grupo (MARTINS *et al.*, 2015). É importante notar que a percepção de desempenho nivelado entre os pares se mostra positiva, o que é explicado em trabalhos que estudam iniciação esportiva e programas de desenvolvimento. Estas contribuições nos permitem verificar que aulas bem desenvolvidas, baseadas em propostas que entendem o esporte como um fenômeno complexo, permitem a melhora das habilidades, dos relacionamentos, da socialização, do desempenho e de outras variáveis, aumentando o compromisso e favorecendo a prática ao longo da vida (CÔTÉ; HANCOCK, 2016; GALATTI *et al.*, 2018; LEONARDI *et al.*, 2014; MACHADO; GALATTI; PAES, 2012; 2015; MARQUES, 2007).

A socialização, também atribuída à ambas as categorias, corrobora estudos em que a interação social e o relacionamento que os participantes estabelecem com outros integrantes do grupo estão for-

temente relacionadas com a continuidade ou abandono da prática, sendo um dos principais facilitadores (BUFFART *et al.*, 2009; FURTADO *et al.*, 2019; PRIETO-AYUSO, 2014; SANTOS *et al.*, 2009, 2010; SERON; ARRUDA; GREGUOL, 2015; SHIELDS; SYNNOT; BARR, 2012).

Em relação à saúde, nota-se que o medo de adoecer, as lesões existentes ou riscos de se lesionar durante a prática estão associados ao impedimento da prática. Estudos com resultados semelhantes evidenciam lesões e riscos como barreiras relevantes (BUFFART *et al.*, 2009; FURTADO *et al.*, 2019; SERON; ARRUDA; GREGUOL, 2015). Enquanto facilitador, pode-se observar que a saúde é um importante fator de continuidade, contribuindo com o desenvolvimento físico, psicológico e social (BUFFART *et al.*, 2009; JAARSMA *et al.*, 2014a; MARTINS *et al.*, 2015).

Competições, quando atribuídas às barreiras, evidenciam a desmotivação causada pela falta de torneios ou pelo baixo nível de disputa. Por outro lado, as competições são percebidas como facilitadores quando permitem o engajamento das pessoas, aumentam a motivação e melhora o desempenho dos atletas. Côté, Erickson e Abernethy (2013) defendem que a qualidade com que o programa de atividades esportivas é vivido na infância promove o desenvolvimento a longo prazo e o compromisso com o esporte. Destacam também que a participação em competições ou festivais promove o desenvolvimento de habilidades e a tomada de decisões, devendo ser compreendida como uma das várias experiências importantes na aprendizagem e na motivação, para manter o envolvimento.

Ficou evidente que a falta de conhecimento das pessoas sobre o floorball atrapalha o crescimento da modalidade, interferindo nos treinos e jogos. Na revisão sistemática de Shields, Synnot e Barr, (2012), este fator foi uma das principais barreiras encontradas. Nas entrevistas, alguns participantes destacaram que caso houvesse espaço na mídia para divulgação, essa barreira poderia ser superada. Além disso, é importante incentivar projetos escolares e que envolvam capacitação de professores para que possam oferecer vivências de floorball no ano letivo, já que, enquanto facilitador, o floorball pode significar a diversidade de prática, favorecendo que pratican-

tes ampliem seu repertório motor e habilidades. Contudo, há de se pensar também na qualidade do oferecimento destas atividades. Estudos destacam a importância em estruturar os planos de aula contemplando três referenciais: técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural (GALATTI *et al.*, 2017; MACHADO; GALATTI; PAES, 2012; 2015), com o objetivo de proporcionar um processo educacional no qual será possível desenvolver a aprendizagem da modalidade, aquisição de valores e absorver conhecimentos sobre a origem do esporte e suas contribuições.

A barreira equipamentos é uma das mais evidentes. Trata-se de um item necessário para a prática da modalidade, que não é comercializado nem produzido no Brasil, o que dificulta ou impede a prática. Além disso, estudos sobre a incidência de lesões em atletas de floorball mostram a importância do uso de equipamentos de segurança com o intuito de prevenir ou reduzir a incidência e sugerem que as Federações devem garantir a segurança, estipulando regras e projetos educativos para minimizar os riscos (BRO; GHOSH, 2017; LEIVO; PUUSAARI; MÄKITIE, 2007).

O DSC_{Espaço} evidencia que a falta de local é uma barreira condizente com outros estudos. Jaarsma *et al.* (2014b) mostraram que pessoas com deficiência física percebem como barreiras ambientais a falta de espaço, transporte e acessibilidade. No estudo realizado com mulheres afro-americanas, Rimmer, Rubin e Braddock (2000) evidenciaram que não saber onde praticar a atividade e a falta de transporte impediam as mulheres de tornarem-se mais ativas. Ademais, foi possível verificar nos discursos, que comumente era preciso dividir o ambiente com praticantes de outras atividades, e que, quando há um local para jogar, muitas vezes não é adequado.

No DSC_{Engajamento} a adesão de pessoas à prática classifica-se como barreira já que não há núcleos em várias cidades e falta pessoas jogando floorball nos países vizinhos, o que impede a disputa de jogos com equipes internacionais, atrapalhando o desempenho competitivo. Estudos obtiveram resultados semelhantes, indicando a falta de parceiros de esporte como barreira (BRAGARU *et al.*, 2018; JAARSMA *et al.*, 2014a, MARTINS *et al.*, 2015).

Disponibilidade de tempo e finanças são os dois fatores intrínsecos mais complexos para superar. De acordo com Martins *et al.* (2015), adolescentes cujos níveis de AF diminuíram com a idade, demonstraram falta de tempo como uma das barreiras, pois, com a fase adulta se aproximando, as responsabilidades relacionadas a outros setores da vida aumentam. Sobre o DSC_{Disponibilidade}, os participantes apontam que as obrigações trabalhistas são prioridades e muitas vezes são tidas como motivos de deixar a atividade em segundo plano, e nem sempre é possível conciliar os horários de todos os integrantes do grupo, o que muitas vezes é um impeditivo. Na literatura, a falta de tempo também é evidenciada como barreira em alguns estudos (CESCHINI; JUNIOR, 2007; RIMMER; WANG; SMITH, 2008; SANTOS *et al.*, 2009; 2010), permitindo refletir sobre outros aspectos não tão evidentes. A localização do espaço pode maximizar o efeito da barreira disponibilidade, quando o tempo de deslocamento necessário para ir ao local do treino e a dependência de transporte público dificulta o engajamento, permitindo compreender que a percepção das barreiras mudam conforme o contexto pessoal.

Duas IC relacionadas à aspectos financeiros foram observadas e classificadas como barreiras: finanças e incentivo. A primeira, de caráter intrínseca, ocorre quando as condições financeiras de uma pessoa a impedem ou a atrapalham, dificultando a aquisição de equipamentos e custeio de transporte. A falta de recursos financeiros também foi apontada como barreira em vários estudos, que mostraram ser um dos principais motivos de abandono da prática de AF (JAARSMA *et al.*, 2014a; RIMMER; RUBIN; BRADDOCK, 2000; RIMMER; WANG; SMITH, 2008; SCELZA *et al.*, 2005; SOMERSET; HOARE, 2018). A barreira incentivo, de caráter social, refere-se aos apoios oferecidos por iniciativa pública ou privada para fomentar ações de difusão, torneios e campeonatos, e podem significar aportes financeiros, oferecimento de espaços e parcerias.

O posicionamento dos jogadores foi percebido como barreira. Atuar no gol foi indicado pelos participantes como desconfortável, desmotivando a prática. Entretanto, no DSC_{Modalidade}, classificado

como facilitador, é possível notar que as características da modalidade como conjunto de regras, dinâmica do jogo e aspectos técnicos e táticos auxiliam a adesão à prática e à permanência, por despertar a curiosidade e a sensação de diversão. Esse achado corrobora estudos que reforçam a importância da estruturação e sistematização do processo de aprendizagem através do jogo que, por ser mais complexo, contribui não só para a compressão dos gestos e fundamentos da modalidade, mas também permite que o aluno entenda a lógica do esporte e desenvolva autonomia e prazer com a experiência vivenciada (GALATTI *et al.*, 2017; GALATTI *et al.*, 2018; LEONARDI *et al.*, 2014; MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). Além disso, percebe-se que o floorball é ensinado muitas vezes em projetos sociais, apresentando estreita relação entre educação, ludicidade e socialização.

Sobre desempenho, fica evidente que as pessoas se sentem motivadas quando melhoram suas habilidades e conseguem realizar ações com qualidade e competência técnica. A sensação de obter sucesso e jogar com qualidade motiva a continuidade e a dedicação dos participantes (CÔTÉ; HANCOCK, 2016). Os autores defendem, ainda, que programas de formação esportiva que atendem aos três objetivos (desempenho, participação e desenvolvimento pessoal) de maneira integrada, possibilitam que as pessoas reflitam sobre suas práticas e escolha pela participação recreativa ou especialização, conforme seus objetivos. Além disso, o bom desempenho também é atribuído ao comprometimento com o grupo, indicando a existência de relação positiva entre fator intrínseco e social. Corroborando esse achado, o estudo de Martins *et al.* (2015) mostrou que as percepções de competência pelos adolescentes são facilitadores para a AF.

Sobre crescimento da modalidade, ficou evidente que existe um grande esforço por parte de equipes e associações de floorball para que a modalidade seja mais difundida, crescendo em número de praticantes e na qualidade do nível dos atletas. Corroborando esse movimento, Tillman (2018) entrevistou pessoas envolvidas com o floorball e apresentou quais são os requisitos necessários

para que o floorball se torne uma modalidade olímpica e quais faltam cumprir, evidenciando que existe em curso um trabalho de alcance internacional, levando a modalidade nessa direção. Apesar de estar presente em grandes eventos esportivos, como os Jogos Mundiais, ainda é necessário aumentar o conhecimento sobre o floorball no mundo todo, o que também foi evidenciado pelos entrevistados deste trabalho.

Embora os resultados encontrados apresentem concordância com trabalhos presentes na literatura e a técnica do DSC permita obter resultados generalizáveis, uma das limitações desse estudo é que não poderemos garantir que as opiniões expressadas reflitam o pensamento e a realidade dos praticantes de outros estados brasileiros. Os resultados retratam a percepção sobre o floorball a partir das experiências de jogadores das equipes do estado de São Paulo, que, apesar da dificuldade, possuem mais acesso aos locais para a prática e aos equipamentos do que em outras regiões, inclusive devido ao fato de que a ABF possui sede na capital do estado. Por isso, pode ser que em outras regiões do Brasil as barreiras e facilitadores mais influentes sejam outras. Além disso, o fato de haver aos poucos estudos sobre a modalidade na literatura nos impossibilita de comparar nossos resultados com outros.

Em nosso país, o floorball é jogado em nível amador, e, reconhecendo que o engajamento é um elemento chave na participação esportiva, é preciso que outras questões sejam respondidas em relação ao que é almejado por parte das instituições que regem a modalidade: aumentar a participação ou buscar o alto rendimento? Como o floorball se relaciona com nossa cultura? Essas questões nos levam a pensar possibilidades de estudos futuros que possam colaborar para a difusão da modalidade na formação universitária, refletir sobre possíveis propostas pedagógicas para massificação ou, ainda, sobre a inserção do ensino do floorball em diferentes contextos, como na educação física escolar e no lazer.

Em termos de contribuições práticas, nosso estudo nos permite refletir que seria interessante que se intensificasse as ações de parceria e aproximação entre a ABF e instituições educacionais

e recreativas. No contexto da educação física escolar e recreação, parcerias de capacitação dos professores permitiria não só a expansão do conhecimento da modalidade por parte do corpo docente, mas influenciaria diretamente o aumento da prática pelos alunos que estão iniciando seu desenvolvimento esportivo, o que poderia contribuir futuramente em duas frentes: em direção à participação e prática esportiva ao longo da vida ou à especialização.

Diante do exposto, podemos concluir que os DSC refletiram a percepção dos participantes entrevistados, nos permitindo observar que os fatores intrínsecos são os que mais influenciam sua prática ou o abandono. Ademais, quando os fatores estão ligados com outros, podem significar a minimização ou maximização de uma barreira. Compreender essas relações nos leva a perceber a importância do desenvolvimento de programas que considerem desempenho, participação e desenvolvimento pessoal (CÔTÉ; HANCOCK, 2016), já que os DSC mostraram que contemplar os três objetivos garante a motivação dos participantes e a adesão à prática. Por fim, evidenciamos que as principais barreiras para a prática do floorball são estruturais, considerando a necessidade de uso dos equipamentos e espaço adequado, e que o oferecimento de vivências e campeonatos podem auxiliar na difusão, motivando os jogadores à prática contínua e possibilitando que outras pessoas adquiram conhecimento sobre a modalidade.

Referências

ABF [ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FLOORBALL]. **História do esporte**. São Paulo: ABF, 2022. Disponível em: <https://floorball.com.br/historia-do-esporte/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

ACIEM, T. M.; MAZZOTTA, M. J. S. Autonomia pessoal e social de pessoas com deficiência visual após reabilitação. **Revista Brasileira de Oftalmologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 4, p. 261-267, jul./ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-72802013000400011>. Acesso em: 02 jan. 2022.

ANDREGHETTI, E. *et al.* Inclusão social do deficiente visual – experiência e resultados de Assis. **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**, São Paulo, v. 72, n. 6, p. 776-782, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/12686>. Acesso em: 02 jan. 2022.

BALBINO, H. F (Org.). **Inteligências múltiplas**: Uma experiência em pedagogia do esporte e da atividade física no Sesc São Paulo. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014. 240 p. ISBN: 978-85-7995-158-9.

BARBIERI, A. *et al.* Interdisciplinaridade, inclusão e avaliação na educação física: contribuições na perspectiva das inteligências múltiplas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 119-127, 2008. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/REMEF/Remef_7.2/Revisao_-_INTERDISCIPLINARIEDADE__INCLUSAO_E_AVALI_ACAO_NA_EDUCACAO_FISICA.pdf. Acesso em: 02 jan. 2022.

BRAGARU, M. *et al.* Barriers and facilitators of participation in sports: a qualitative study on Dutch individuals with lower limb amputation. **PLoS One**, Cambridge, v. 8, n. 3, p. e59881, mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0059881>. Acesso em: 21 dez. 2018.

BRO, T.; GHOSH, F. Floorball-related eye injuries: The impact of protective eyewear. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, Hoboken, New Jersey, v. 27, n. 4, p. 430-434, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26869195/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

BUFFART, L. M. *et al.* Perceived barriers to and facilitators of physical activity in young adults with childhood-onset physical disabilities. **Journal of Rehabilitation Medicine**, Uppsala, v. 41, n. 11, p. 881-885, oct. 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19841838/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

CESCHINI, F. L.; JUNIOR, A. F. Barreiras e determinantes para a prática de atividade física em adolescentes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 29-36, 2007.

Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/727/730>. Acesso em: 02 jan. 2022.

CÔTÉ, J.; ERICKSON, K.; ABERNETHY, B. Play and practice during childhood. In: CÔTÉ, J.; LIDOR, R (Eds.). **Conditions of children's talent development in sport**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology. 2013. cap. 2, p. 9-20. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279931582_Cote_J_Erickson_K_Abernethy_B_2013_Play_and_practice_during_childhood_In_J_Cote_R_Lidor_Eds_Conditions_of_children's_talent_development_in_sport_pp_9-20_Morgantown_WV_Fitness_Information_Technology. Acesso em: 02 jan. 2022.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, Oxfordshire, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19406940.2014.919338>. Acesso em: 02 jan. 2022.

FURTADO, O. L. P. *et al.* A participação de jovens com deficiência visual em aulas de Educação Física: experiências na rede regular e em instituições especializadas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, p. 1-13, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.51682>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/51682>. Acesso em: 02 jan. 2022

GALATTI, L. R. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 639-654, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/39593>. Acesso em: 02 jan. 2022.

GALATTI, L. R. *et al.* Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22,

n. 3, p. 115-127, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6444>. Acesso em: 02 jan. 2022.

GYURCSIK, N. C. *et al.* An ecologically based examination of barriers to physical activity in students from grade seven through first-year university. **Journal of Adolescent Health**, New York, v. 38, n. 6, p. 704-711, jun. 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16730599/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

IFF [INTERNATIONAL FLOORBALL FEDERATION]. **History**. Helsinki, Finland: IFF, 2022. Disponível em: <https://floorball.sport/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

INVICTUS [INVICTUS FLOORBALL CAMPINAS]. **História**. Campinas-SP: INVICTUS, 2022. Disponível em: <https://floorballcampinas.com.br/historia-do-floorball/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

JAARSMA, E. A. *et al.* Barriers to and facilitators of sports participation in people with visual impairments. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v. 31, n. 3, p. 240-264, 2014.a. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25028476/>. Acesso em 02 jan. 2022.

JAARSMA, E. A. *et al.* Barriers to and facilitators of sports participation for people with physical disabilities: A systematic review. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, Hoboken, New Jersey, v. 24, n. 6, p. 871-881, 2014.b. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24730752/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

JOAQUIM, E. R.; DANTAS, L. E. P. B. T. Teaching of Futsal for Intellectually Disabled People. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 1, p. 93-110, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/DDqhR3tHjQpWgWGcssBLXTc/abstract/?lang=en>. Acesso em: 02 jan. 2022.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003. 256 p. ISBN: 85-7061-246-X.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/wMKm98rh-Dgn7zsfvxnCqRvF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jan. 2022.

LEFÈVRE, F. **Discurso do sujeito coletivo**. Nossos modos de pensar, nosso eu coletivo. São Paulo: Andreoli, 1.ed. 2017. 80 p. ISBN: 978-85-60416-62-2.

LEIVO, T.; PUUSAARI, I.; MÄKITIE, T. Sports-related eye injuries: floorball endangers the eyes of young players. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, Hoboken, New Jersey, v. 17, n. 5, p. 556-563, 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17076824/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

LEONARDI, T. J. *et al.* Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 48-58, ago. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270587482_PEDAGOGIA_DO_ESPORTE_INDICATIVOS_PARA_O_DESENVOLVIMENTO_INTEGRAL_DO_INDIVIDUO_PEDAGOGY_OF_SPORT_INDICATED_FOR_THE_FULL_DEVELOPMENT_OF_INDIVIDUAL. Acesso em: 02 jan. 2022.

LOCKMANN, K.. As práticas de in/exclusão na escola e a re-definição do conhecimento escolar: implicações contemporâneas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 54, p. 275-292, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/p3SZJvFRTm-6QK6m7rTdc9gB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MACHADO, L. B.; ALBUQUERQUE, E. R. Inclusão de alunos com deficiência na escola pública: as representações sociais de professoras. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 1085-1104, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/viewFile/7766/7499>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R.. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 405-418, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/48275>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R.. Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XXIV, n. 39, p. 164-176, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39p164>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MARQUES, R. F. R. *et al.* Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-242, set./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3580>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MARTINS, J. *et al.* Adolescents' perspectives on the barriers and facilitators of physical activity: a systematic review of qualitative studies. **Health Education Research**, Oxford, v. 30, n. 5, p. 742-755, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26324394/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MAZZARINO, J. M.; FALKENBACH, A.; RISSI, S. Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 87-102, 2011. Disponível em: <https://>

www.scielo.br/j/rbce/a/smsPWPv8NHq4P6K7RLLcSBv/abstract/?lang=pt. Acesso em: 17 jan. 2022.

MELO, J. P. O ensino da Educação Física para deficientes visuais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 25, n. 3, p. 117-131, maio 2004.

MENEZES, R. P. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol**: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 2011. 303f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2011. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_f842b1f-5916f189db819b9c474b034cb. Acesso em: 08 dez. 2021.

MOVAHEDI, A.; MOJTAHEDI, H.; FARAZYANI, F. Differences in socialization between visually impaired student-athletes and non-athletes. **Research in Developmental Disabilities**, Elmsford, v. 32, n. 1, p. 58-62, jan./fev. 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20880667/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

MULLIGAN, H. F. *et al.* Barriers to physical activity for people with long-term neurological conditions: a review study. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Birmingham, v. 29, n. 3, p. 243-265, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22811565/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

ORNELAS, M. A.; SOUZA, C. A contribuição do profissional de educação física na estimulação essencial em crianças com Síndrome de Down. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3779>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PENA, L. G. S; GORLA, J. I. Coordenação motora em crianças com deficiência auditiva: avaliação e intervenção. **Conexões**, Campinas-SP, v. 8, n. 3, p. 104-123, set./dez. 2010. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637730>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PEREIRA, R. *et al.* A importância do desporto de alto rendimento na inclusão social dos cegos: um estudo centrado no Instituto Benjamin Constant – Brasil. **Revista Motricidade**, Vila Real, v. 9, n. 2, p. 95-106, jun. 2013.

PERERA, N. K. P.; ÅKERLUND, I.; HÄGGLUND, M. Motivation for sports participation, injury prevention expectations, injury risk perceptions and health problems in youth floorball players. **Knee Surgery, Sports Traumatology, Arthroscopy**, Luxembourg, v. 27, n. 11, p. 3722-3732, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30982108/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PRIETO-AYUSO, A. El modelo de educación deportiva como recurso de socialización: una propuesta en torno al floorball para el tercer ciclo de Educación Primaria. **Revista Digital efdeportes**, Buenos Aires, Ano 19, n.º 195, [n. p.], ago. 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd195/el-modelo-de-educacion-deportiva-en-floorball.htm>. Acesso em: 02 jan. 2022.

RIMMER, J. H.; RUBIN, S. S.; BRADDOCK, D. Barriers to exercise in African American women with physical disabilities. **Archives of Physical Medicine and Rehabilitation**, Chicago, v. 81, n. 2, p. 182-188, feb. 2000. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10668772/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

RIMMER, J. H.; WANG, E.; SMITH, D. Barriers associated with exercise and community access for individuals with stroke. **Journal of Rehabilitation Research & Development**, Washington, v. 45, n. 2, p. 315-322, 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18566948/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SAMPAIO *et al.* Esportes de invasão: Floorball na escola e suas possibilidades metodológicas—um relato de experiência. *In*: VASCONCELOS FILHO, F. S. L. (org.); AQUINO, L. S. D. **Educação**

física e Esportes [livro eletrônico]: pesquisa e práticas contemporâneas. Guarujá: Científica Digital, 2021, p. 64-73. DOI: 10.37885/978-65-89826-54-5. Disponível em: <https://www.editora-cientifica.org/articles/code/210504733>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 825-842, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/r6k3NtLmXDhwcRrDLcvWnwq/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 maio 2022.

SANTOS, M. S. *et al.* Barreiras para a prática de atividade física em adolescentes. Um estudo por grupos focais. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 137-143, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/9gfzcjV6t6jPRCx8GSQ9LGt/?lang=pt>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SANTOS, M. S. *et al.* Desenvolvimento de um instrumento para avaliar barreiras para a prática de atividade física em adolescentes. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 76-85, 2009. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/759>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SCELZA, W. M. *et al.* Perceived barriers to exercise in people with spinal cord injury. **American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation**, Baltimore, v. 84, n. 8, p. 576-583, Aug. 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16034226/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SERON, B. B.; ARRUDA, G. A.; GREGUOL, M. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/WMjvJHHyLBxxcwJsk38VfVF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SHIELDS, N.; SYNNOT, A. J.; BARR, M. Perceived barriers and facilitators to physical activity for children with disability: a systematic review. **British Journal of Sports Medicine**, Loughborough, v. 46, n. 14, p. 989-997, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21948121/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SILVA, M. V.; GRECO, P. J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 297-307, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/mS475cWznvTFFtZjs-Dpvy5R/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SOMERSET, S.; HOARE, D. J. Barriers to voluntary participation in sport for children: a systematic review. **BMC Pediatr**, v. 18, n. 1, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://bmcpediatr.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12887-018-1014-1>. Acesso em: 02 jan. 2022.

TILLMAN, E. **Innebandyns OS dröm – kan den bli verklighet?** 2018. 54f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Esporte) – Fakulteten för lärande och samhälle, Malmö University, 2018. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2:1492335>. Acesso em: 02 jan. 2022.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.